

Winfried Nöth**Flusser e a escrita: A herança de Toronto
e os paradoxos da escrita após o fim da escrita****Flusser e Platão sobre a escrita**

Flusser profetizou o fim da escrita em palavras escatológicas, quando declarou, em 1987, conforme o texto da contracapa da segunda edição do livro de 1992: “Ao olharmos para as imagens ainda um pouco iluminadas pelo pôr-do-sol do alfabeto, algo de novo se levanta às nossas costas, os seus primeiros raios já atingindo o nosso cenário. Semelhante aos escravos na gruta de Platão devemos virarmo-nos para enfrentar esta nova coisa.”

Ao recordar o legado de Platão em tempos do fim da escrita, Flusser se associou a um filósofo que acompanhava o surgimento do alfabeto na Europa com uma reflexão sobre essa mídia, não menos profética do que a declaração de Flusser sobre o seu fim. 2.400 anos atrás, no seu *Fedro*, Platão (274a) fez Sócrates criticar a invenção do alfabeto por ser uma tecnologia cultural que enfraqueceria a memória dos alfabetizados: “Esta invenção produzirá muito mais esquecimento nas mentes daqueles que aprenderem a usá-la, porque estes não mais praticarão sua memória. Sua confiança na escrita, produzida por caracteres externos que não são parte deles mesmos, desencorajará o uso de sua própria memória.” A profecia de Platão não se realizou com respeito ao livro *A Escrita* de Flusser. Por enquanto, ele não foi vítima de esquecimento, uma vez que ele não só saiu numa segunda edição (1992), mas foi também traduzido para o português (2010), o húngaro (1997), coreano (1998) e inglês (2011).

O tema da escrita tinha sido abordado por Flusser antes de 1987, quando saiu o seu livro sobre este tema em alemão. Na bibliografia de Sander (2002) e no site <http://flusserbrasil.com/> encontram-se os seguintes textos publicados em capítulos de livros, jornais e revistas culturais anteriores:

- 1965: O Amor ao Ler e ao Escrever
- 1966: Falar e Escrever
- 1978: O Declínio e o Ocaso do Alfabeto
- 1983/1984: O Futuro da Escrita
- 1985 Escrever em Universo de Imagens

- 1985: Prescrita: Adenda à Escrita
- 1986(?), s.d.: Is there a future to writing?
- 1986: “Honrareis o Vosso Pai e a Vossa Mãe’: Há futuro para a escrita?”
- s.d.: Writing (online: <http://flusserbrasil.com/arte179.pdf>)
- s.d.: *Scribere necesse est vivere non est* (texto em inglês, online <http://flusserbrasil.com/arte155.pdf>)

A escrita também interessava a Flusser depois de 1987. De 1988 datam um manuscrito “Depois da Escrita” e a publicação de uma entrevista com Miklós Peternák com o título “On Writing, Complexity and Technical Revolutions”. Flusser também retomou o título do seu livro de 1987 no título de um artigo de revista em Berlim de d’Este em 1989, e em 1991 saiu o seu capítulo sobre “O Gesto de Escrever” no seu livro *Gestos*.

Em 1988, Flusser escreveu um artigo sobre a fenomenologia da escrita à máquina com o título “Por que as máquinas de escrever estalam?” É notável que um ano depois do seu suposto “não-mais-livro” *A Escrita*, a máquina por meio da qual Flusser refletiu sobre este tema era ainda uma máquina de escrever mecânica. Em comentário sobre o paradoxo de um autor escrever com um dispositivo tão arcaico em tempos do fim da escrita, Zielinski e Weibel anotaram, não sem um certo tom de humor irônico: “Como autor intelectual, Flusser não precisava necessariamente obedecer seus próprios preceitos. O imperativo valia sobretudo para os outros” (2016, p. 21). Os mesmos autores também observaram que, quando “o Centro de Pesquisas Nucleares de Karlsruhe convidou Flusser, como primeiro pesquisador de comunicação falante de alemão, a participar da construção de um hipertexto em 1989, ele entregava as provas do livro como manuscrito mecanicamente datilografado” (ibid.).

De McLuhan a Flusser: 25 anos de reflexão sobre a mídia da escrita

Os 25 anos de reflexão sobre a mídia da escrita desde a *Galáxia de Gutenberg* de Marshall McLuhan de 1962 deixaram as suas marcas na teoria da escrita de Flusser. Sabe-se que a escrita como a representação gráfica que corresponde sistematicamente à fala começou há 5.700 anos na Suméria (Fischer 2001, p. 31; Coulmas 2002), mas quando Flusser se refere, mais *em passant*, à origem da escrita, as suas datas são “três mil e quinhentos” (2010, p. 44) ou meramente “mais de três mil anos” (p. 172).

A diferença entre as datas de Flusser e a dos historiadores da escrita se explica pelo fato de que, para Flusser, a história da escrita começa só com a escrita alfabética dos gregos e os seus precursores diretos. Escrita, para Flusser, é um sinônimo de “escrita alfabética”. A escrita logográfica (Coulmas 2002, p. 40-41), antigamente chamada de “ideográfica”, que representa palavras e não necessariamente os sons da sua pronúncia (Flusser usa o termo “ideograma”, p. 45-49), é um modelo de escrita, que Flusser desconsidera ou considera como um arcaísmo da história da cultura. A origem dessa concepção da escrita, que hoje é criticada como eurocêntrica (por ex., Krämer 2011), encontra-se na teoria da escrita de McLuhan e na teoria da escrita da “Escola de Toronto”, sobretudo no livro de Havelock (1963). “Nenhum modo pictográfico ou ideogramático ou hieroglífico de escrever tem a força *destribalizante* do alfabeto fonético”, declarou McLuhan (1962, p. 46). O teórico da mídia dos anos 60 não se cansou de elogiar “esse caráter único de nosso alfabeto, que é não apenas o de dissociar ou abstrair a vista e o som, mas o de retirar todo e qualquer significado do som das letras, salvo na medida em que letras sem sentido se relacionam com os sons sem sentido também. Na medida em que qualquer outro significado é emprestado à visão ou ao som, a separação entre o sentido visual e os outros sentidos fica incompleta, como é o caso em todas as formas de escrita salvo a do alfabeto fonético” (ibid., p. 78-79).

Flusser se identificou com essa concepção torontense da superioridade da escrita alfabética sobre a escrita logográfica. Numa linha de argumentação na qual o teórico das mídias elogiou a superioridade da fala e da sua representação alfabética por palavras que elevam a escrita alfabética assim como a fala oral literalmente acima das imagens e da escrita logográfica, Flusser declarou: “Ao se falar, fala-se ‘sobre’ representações por imagem e ‘sobre’ imagens, fica-se acima do pensamento imaginário e fala-se de cima para baixo. O alfabeto, como partitura de uma língua falada, permite registrar e disciplinar essa transcendência face às imagens alcançadas, com esforço, por meio da fala. Escreve-se de maneira alfabética para afirmar e amplificar o nível de consciência conceitual e sobreimagético, ao invés de sucumbir continuamente ao pensamento plástico – como no falar característico da época anterior à criação da escrita” (Flusser 2010, p. 45).

Contra o pano de fundo da teoria da escrita dos anos 1980, a palavra-chave deste trecho é a da “consciência conceitual”. Em outros capítulos da sua obra, Flusser fala do *Schriftbewusstsein* (“consciência da escrita”), que foi traduzido como consciência gráfica” (2010, p. 21).

A tese de que a escrita criou uma consciência nova, que “reestruturou” a consciência das mentes na transição da cultura oral para a cultura alfabetizada era o grande tema do orientando de McLuhan, Walter J. Ong, no seu livro *Oralidade e Cultura Escrita* de 1982 (port. 1998). “A escrita, a espacialização da palavra, amplia quase ilimitadamente a potencialidade da linguagem, reestrutura o pensamento”, escreveu Ong (1998, p. 16) e acrescentou que “a entrada crítica e singular em novos

mundos do conhecimento foi realizada dentro da consciência humana, [...] quando um sistema codificado de marcas visíveis foi inventado, sistema por meio do qual um escritor pôde determinar as exatas palavras que o leitor iria gerar a partir do texto” (1998, p. 100). Uma outra vantagem que a escrita trouxe, conforme Ong, foi o aumento do grau reflexivo com o qual uma mensagem escrita podia ser composta, devido ao aumento da distância entre o momento de conceber e de escrever uma mensagem. Ong concluiu que a escrita contribuiu para aumentar a consciência reflexiva, pois, “para viver e compreender plenamente, necessitamos não apenas da proximidade, mas também da distância. É isso, que a escrita fornece para a consciência como nenhuma outra ferramenta” (1997, p. 81).

Os paralelos entre a tese da influência da escrita sobre a consciência dos seus leitores e a teoria flusseriana sobre as mudanças das consciências cognitivas depois do fim da escrita são notáveis, mas as consequências que Flusser esboçou foram mais radicais: “A conclusão que temos de esperar o desaparecimento da escrita – por motivos que, vindos de diferentes horizontes, [...] pode ser resumida assim: uma nova consciência encontra-se em gestão. Para se expressar e ser comunicada, ela não desenvolveu um código alfanumérico, e reconheceu o gesto de escrever como um ato absurdo do qual deve se livrar” (2010, p. 107).

Ao adotar a tese da influência da escrita sobre as mentes dos seus usuários, Flusser estabeleceu novos acentos na interpretação da forma dessa reestruturação da consciência. O argumento de Ong era que a “escrita faz com que as ‘palavras’ pareçam semelhantes às coisas porque pensamos nas palavras como as marcas visíveis que comunicam as palavras aos decodificadores: podemos ver e tocar tais ‘palavras’ inscritas em textos e livros” (1998, p. 29). Os membros de uma cultura letrada veem, portanto, as coisas do seu mundo através dos óculos da escrita e começam a procurar correspondências entre a maneira como as palavras são escritas e as coisas que as palavras designam em vez de ver as coisas em si e representá-las por meio da escrita.

No capítulo “Perda da Crença” do seu livro *Medienkultur*, Flusser também interpreta a influência da escrita alfabética sobre a consciência depois do fim da era da oralidade como uma influência da forma da escrita sobre o pensamento, mas o foco de Flusser está na forma linear da escrita e a sua influência sobre o pensamento dos seus usuários. Para Flusser, essa forma teve o efeito de que o pensamento se tornou também linear ou unidimensional. “A consciência gráfica consiste na crença que as coisas acontecem de maneira linear [...], que é possível ler o ‘mundo’, ou seja, dissolvê-lo em conceitos claros e distintos. Em resumo, é a crença de que o ‘mundo’ tem aquela estrutura na qual os símbolos se organizam em códigos lineares” (1997, p. 38). “O escrever parece a expressão de um pensar unidimensional, e, por conseguinte, também de um sentir de um

querer, de um valorar e de um agir unidimensional de uma consciência que, devido à escrita, emerge do círculo de vertigem da consciência anterior à escrita” (2010, p. 21).

Porém, Flusser não interpreta a unidimensionalidade do pensamento das culturas letradas como algo necessariamente negativo. Afinal, “somente quando se escrevem linhas é que se pode pensar logicamente, calcular, criticar, produzir conhecimento científico, filosofar – e de maneira análoga, agir. Antes disso, andava-se em círculos” (2010, p. 22). As vantagens da escrita alfabética, mesmo sendo linear, estão fora de questão, mesmo para o crítico da escrita Flusser: “Como sabemos, o alfabeto comprovou-se uma invenção extraordinariamente produtiva. Possibilitou o surgimento de discursos, algo que nunca havia se realizado em regiões não alfabetizadas: a filosofia grega, a teologia medieval, o discurso da ciência moderna. Sem o alfabeto, esses discursos não teriam se realizado, pois são discursos críticos conceituais, que se distanciam cada vez mais das representações por imagem e que se tornam cada vez mais abstratos e inimagináveis” (2010, p. 45).

Neste sentido, Flusser acompanhava o fim da escrita em parte com ceticismo e nostalgia, em parte com uma visão otimista do surgimento de algo de novo.

Curiosamente, Flusser retomou o tom escatológico daqueles comentários pessimistas sobre as os homens nas sombras da caverna de Platão em observações num capítulo com o título “Poesia” (cap. 9), onde escreveu: “O que temos, quando esperamos o fim da escrita alfabética e sua forma mais completa, é o declínio da leitura, isto é, da decifração crítica. Nós tememos que as mensagens, no futuro, inclusive os modelos de percepção e de experiência, sejam adotadas sem crítica, que a revolução da informática possa transformar o homem em receptores de mensagens que permutam sem crítica, ou seja, em robôs” (2010, p. 90).

De outro lado, o discurso de Flusser nunca se tornou apocalíptico mesmo. O fim da escrita não significa que a cultura literária ou até a cultura humana em geral acabará. Pelo contrário, a sua visão era a do começo de uma nova era cultural, inclusive uma nova consciência humana: “Temos de esperar o desaparecimento da escrita, por[que ...] uma nova consciência encontra-se em gestão. Para se expressar e ser comunicada, ela não desenvolveu um código alfanumérico, e reconheceu o gesto de escrever como um ato absurdo do qual deve-se livrar. [...] É forte o suficiente para introduzir aqui uma nova abordagem acerca das reflexões [...] Refletiremos não mais acerca do gesto de escrever; ao contrário, o faremos sobre as manifestações concretas do que foi escrito” (2010, p. 107).

A era depois da escrita alfabética, na visão de Flusser, será uma era numérica, na qual até os sons da música se tornam calculáveis e calculados. “Se, atualmente, a visão (em forma de número) começa a predominar sobre a audição (em forma de letra), então será possível, tanto em termos teóricos quanto práticos, manipular percepções auditivas em numerais (digitalizá-las). A

conhecida música eletrônica é apenas exemplo embrionário disso” (2010, p. 43). Nessa era, depois da era das mensagens lineares da escrita, predominará o não linear. As imagens dessa era serão sintéticas, produtos de “códigos digitais[que] sintetizam algo [...] já totalmente calculado anteriormente. A crítica, no sentido antigo, não poderia descobrir nessas imagens nada além de que elas foram computadas por elétrons. Se, além disso, ela ainda quisesse criticar o propósito dos sintetizadores, descobriria ali, computados, também apenas elétrons” (2010, p. 166).

Porém, apesar disso e apesar do otimismo com o qual Flusser enfrentou o fim da cultura escrita, o teórico do seu fim ficava relativamente vago ao que concerne os detalhes da nova cultura digital. Flusser justificava essa sua vagueza com a imprevisibilidade do futuro depois da escrita. Não conhecemos ainda “os significados programados pelas imagens eletrônicas que nos circundam” (1978, p. 135). “O novo está no novo, exatamente por ser indescritível, o que significa que o novo no novo é justamente o absurdo de querer explicá-lo [...]. O alfabeto é o código do Iluminismo. Se, portanto, continuarmos a escrever, será apenas para esclarecer o alfabeto, para descrever a escrita. Senão, nada mais há para explicar e descrever” (2010, p. 165).

A exceção na imprevisibilidade do futuro da escrita é a poesia. Acerca dela, Flusser prevê um futuro com novos potenciais. A visão é a de uma poesia participativa, senão coletiva: “O poeta que escreve com o alfabeto se dirige principalmente e antes de tudo a críticos. O novo poeta não se dirige a esse tipo de receptor. Os modelos que ele constrói querem ser recepcionados, para serem modificados e, posteriormente, retransmitidos. Ele participa de um jogo de permutação que recebeu de poetas anteriores e que ele entrega a futuros poetas” (2010, p. 90).

O icônico e o simbólico, o visual e o auditivo na representação midiática

Apesar dos seus elogios para a escrita alfabética em relação à ideografia, Flusser também reconheceu algumas desvantagens da escrita fonográfica. Não é sem razão que a cultura ocidental, em todas as suas línguas, escreve os números de forma logográfica. “6”, por exemplo, não representa o som da palavra “seis”, mas o conceito e a palavra com o seu significado matemático. As vantagens dessa escrita dos números para a matemática está fora de questão.

Enquanto os signos logográficos fornecem um “acesso direto” do signo ao seu significado, a escrita fonográfica do alfabeto obriga os seus usuários a fazer um desvio cognitivo para entender o conteúdo das palavras, um desvio que parte do signo gráfico via o signo fonético antes de chegar ao conteúdo da palavra. Assim, Flusser perguntou: “Por que fazemos esse desvio redundante por meio da língua falada quando queremos registrar os pensamentos por escrito, ao invés de usar

signos para os pensamentos, ideogramas, como os chineses, ou alguns dos códigos computacionais? Não é muito mais fácil escrever ‘2’ ao invés de ‘dois’? Deve ter havido motivos significativos que levaram os inventores siríacos do alfabeto a criar um código tão absurdo, quando empurraram a língua falada entre o pensamento e a escrita. Esses motivos devem ser investigados” (2010, p. 44).

Como a nossa escrita usa signos alfabéticos com signos numéricos nos mesmos textos, ela é, em verdade um sistema híbrido, não meramente fonográfico, mas ao mesmo tempo logográfico. É por isso que Flusser chama o código da escrita de *alfanumérico*. Além disso, esse código híbrido combina dois princípios de representação, que a semiótica distingue como o simbólico e o diagramático. Os símbolos da escrita são ou fonográficos ou logográficos. Tanto os números como as letras alfabéticas são símbolos, signos que são arbitrários em relação aos seus significados, baseados em convenções culturais que precisam ser aprendidos, visto que não têm conexão natural com aquilo que eles representam. A forma talvez mais arbitrária dessa escrita por símbolos manifesta-se na sua linearidade, mas a escrita obriga o pensamento humano, por natureza pluridimensional, a se submeter à forma linear dos seus signos. Porém, o princípio arbitrário da linearidade só prevalece na representação fonográfica, não na representação dos números e dos algoritmos. Na matemática, os signos têm que ser organizados em forma diagramática, que é uma forma icônica de representação. O que importa no signo diagramático é a posição do signo no espaço da sua representação, porque nos diagramas, as relações espaciais entre os signos correspondem a relações entre os seus significados. A máquina de escrever, que Flusser usava, lidava mal com essa necessidade da representação das fórmulas em forma diagramática: “O modo de construção da máquina de datilografar organiza os signos em linhas. Disso resulta uma ordem apropriada para as letras, mas não para os numerais [...]. Embora seja possível, com o auxílio de manobras específicas, movimentar a máquina de escrever para a reprodução de equações matemáticas e complicadas fórmulas da física, observa-se nessas linhas que esses signos só são organizados em sequência com esforço e violência. A violação dos números pelas letras equivale a uma violação de modo de pensar numérico pelo literal; trata-se, portanto, de um importante aspecto do pensamento ocidental, produzido pelo código alfanumérico” (2010, p. 37-38).

Para Flusser, as diferenças midiáticas entre o icônico, o simbólico, o visual e o auditivo criam antagonismos fundamentais para a representação, porque, na concepção flusseriana, os signos dos diferentes tipos não se complementam, mas eles competem e entram em conflito. O conflito principal se manifesta, desde sempre, no antagonismo entre a escrita e a representação por imagem. Este antagonismo começa com a etimologia da palavra *scribere*, cujo étimo significa ‘riscar’. Daí Flusser tira a conclusão de que “o estilo riscante é um estilete, e quem escreve inscrições é um

tigre dilacerador: ele esfarrapa imagens. Inscrições são cadáveres de imagens esfarrapadas e rasgadas, são imagens que o mortífero estilete para escrever sacrificou [...]. Por isso, qualquer escrita é terrível por natureza; ela nos destitui das representações por imagens anteriores à escrita, ela nos arranca do universo das imagens que, em nossa consciência anterior à escrita, deu sentido ao mundo e a nós” (2010, p. 28-29).

Flusser não hesita em estender este cenário fulminante, conforme o qual “escrever em geral é iconoclastico” (ibid.), para o conceito de informação. Informação, diz ele, não nos traz novos conhecimentos no sentido de dados positivos. Pelo contrário, “in-formar”, para Flusser, “é um gesto negativo, orientar contra o objeto. O gesto de querer livrar-se de uma resistência obstinada que os objetos oferecem ao sujeito [...e] cujo objetivo é romper com as condições do cárcere, isto é, abrir crateras nos muros do mundo objetivo que nos encarceram” (2010, p. 26).

Paradoxos performativos da escrita sobre o fim da escrita

Escrever sobre o fim da escrita e escrever um posfácio sobre um livro cujo autor parece ter proferido a última palavra sobre a escrita implica uma série de paradoxos performativos, isto é, contradições entre o fazer do escritor e o conteúdo da sua escrita. Paradoxos são becos sem saída lógica, mas Flusser não era um lógico. O seu estilo era provocativo, mas ele sabia que provocações clamam por protestos. Assim, ele convida para diálogos nos quais ele concede aos seus leitores e leitoras o direito de articular objeções contra as suas declarações paradoxais, algumas das quais ele mesmo antecipou. Entre os paradoxos com quais Flusser provocou os hábitos de leitura das suas leitoras são os seguintes:

1. *O paradoxo da escrita depois da escrita.* O livro *Die Schrift (A Escrita)* de Vilém Flusser foi publicado, na sua primeira edição em 1987, pela editora Imatrix em Göttingen. A obra foi distribuída em forma de um livro de 160 páginas e alternativamente na forma de dois disquetes em formato 5¼ polegadas, na altura chamados de “floppy disks”. No seu Posfácio do livro, acrescentado em 1989 como Capítulo 21, o autor depositou grandes esperanças na versão digital da sua obra, ao escrever: “Um ensaio é uma tentativa de incitar os outros a refletirem, de levá-los a escrever complementos. É esse o motivo pelo qual esse texto também foi publicado em disquete: ele deve fazer rolar uma bola de neve, na qual os complementos encubram cada vez mais a exposição original” (p. 177). Antecipando uma resposta à pergunta do subtítulo da obra, *Há futuro para a escrita?* a editora chamou a versão digital em disquetes de um “não-mais-livro” (*Nichtmehr-buch*) (cf. Rauh 1987). A ironia do destino é que, diferentemente da previsão da editora, a mídia do livro

impresso não se tornou nada ultrapassado no caso da *Escrita* de Flusser. O livro de Flusser foi reimpresso, na sua forma em papel em grandes números, mas a sua versão em forma de disquetes se tornou ilegível para os computadores domésticos poucos anos depois.

2. *O paradoxo de descrever o indescritível.* Quando Flusser diz que o novo que nos aguarda depois da escrita é “indescritível” e que é “absurdo de querer explicá-lo” (2020, p. 165), ele faz uso do antigo paradoxo performático do ἄρρητον (*árreton*), do inefável (Kreuzer 2001), porque, no seu livro inteiro, ele não fazia outra coisa senão descrever o indescritível e falar sobre aquilo que ele declara ser inefável.

3. *O paradoxo de escrever depois do fim da escrita.* O paradoxo do inefável generaliza-se na sua forma da escrita depois do fim da escrita. O fim da escrita, declarou Flusser, fez a escrita supérflua e até “absurda”. A consequência deste dilema para os escritores é uma “crise atual da escrita” e razão dela é que “há algo mecânico no organizar, no enfileirar, e para isso as máquinas têm um desempenho melhor do que o ser humano” (2010, p. 20). Entre os responsáveis para esse paradoxo, Flusser identifica a inteligência artificial, não porque ela ameaça as escritoras e leitoras, mas justamente porque ela faz o escrever supérfluo, visto que os sistemas inteligentes vão saber escrever com mais inteligência do que aquela das autoras antes do fim da escrita: “A organização de pensamentos é um processo mecânico, como, aliás, pode ser considerada a organização da escrita, e pode ser deixado para a inteligência artificial [...]. Por isso, o sentimento de absurdidade do escrever, que muitos dos que escrevem compreendem e pelo qual sentem-se amedrontados, não pode ser atribuído apenas a fatos externos [...]. Um olhar não apenas na cena cultural, mas principalmente em si próprio, mostra a quem escreve que está com os dias contados” (2010, p. 104-105).

4. *O paradoxo da intraduzibilidade.* A tentativa de traduzir a obra de Flusser implica o paradoxo da tradução do intraduzível. Sobretudo das suas frequentes observações sobre as origens das palavras, várias são intraduzíveis porque, como disse Flusser, “toda e qualquer língua [...] contém, no seu íntimo, a sabedoria acumulada por gerações cuja origem se perde na noite dos tempos” (s.d.).

Sempre que os tradutores reconhecem essa intraduzibilidade de Flusser, eles adotaram o método de inserir uma nota de rodapé, na qual deixam claro que a tradução não corresponde com perfeição ao sentido do texto original. Porém, ao introduzir rodapés no livro de Flusser, os tradutores se afastam necessariamente do original traduzido, porque Flusser não usava quaisquer rodapés. O estilo de uma dissertação erudita que precisava rodapés para ser entendida não era do seu gosto. O paradoxo da intraduzibilidade do livro de Flusser de 1987 torna-se menos grave ao considerar os fatos da sua história editorial. Já em 1992, o livro foi reeditado em segunda edição,

traduzido para o húngaro (1997), para o coreano (1998), para o português brasileiro (2010) para o inglês (2011).

5. *O paradoxo de escrever depois de Flusser*. Escrever um posfácio para um livro sobre o fim do livro em tempos nos quais a “bibliofilia se revela [...] como necrofilia” (2010, p. 114) já implica um paradoxo maior do que aquele que vale para o próprio Flusser, quando ele escreveu o seu livro sobre o fim da escrita. Porém, a essa peculiaridade, adicione-se uma outra que ainda aumenta o grau desse paradoxo no caso específico deste posfácio. É o paradoxo performativo de escrever no estilo acadêmico sobre um autor sem qualquer ambição acadêmica. Flusser preferia o estilo de ensaio e tinha pouca simpatia para notas de rodapé eruditas. Na sua autobiografia filosófica, ele formulou a sua aversão contra o estilo acadêmico assim: “Porém, preciso dizer aqui, que nunca fui ‘acadêmico’ em qualquer sentido tradicional da palavra, que nunca pude e nunca iria superar a minha aversão a todo o academicismo” (1992, p. 221). Note-se que na edição da mesma biografia para leitores brasileiros, o autor se restringiu a escrever: “Jamais venci a minha aversão a toda forma de academicismo” (2007, p. 203).

6. *O paradoxo do livro depois do livro*. O paradoxo do livro depois do livro é o paradoxo das reedições e traduções do livro de Flusser sobre o fim da escrita. Flusser dedica um capítulo inteiro (cap. 12) a este tema, mas nele, a sua profecia sobre o fim da escrita é bem menos afirmativa. O tom dos seus comentários sobre o fim do livro no final deste capítulo é até nostálgico, no qual Flusser deixa os seus leitores perplexos com mais um paradoxo, o paradoxo do amador de livros que devora livros como um necrófilo: “Se o livro tiver de se render às memórias automatizadas, as informações ali armazenadas serão reveladas com métodos mais refinados do que aqueles do abrir e folhear [...]. Mas estaria assim perdida a chance pouco funcional (não automatizada) de virar a página, de escolher ou de deixar ao acaso; estaria assim perdida a liberdade histórica, que não é automatizável. Somos traças de livros, não por bibliofilia, que se revela atualmente como necrofilia, mas sim por engajamento pela liberdade histórica – e contra aparelhos automáticos [...]. Esse nosso [...] sentimento de nos alimentarmos de cadáveres (livros) explica nosso horror pelo desaparecimento dos livros” (2010, p. 113-114).

Entre essas linhas, Flusser, dá às suas leitoras o pressentimento de que ele mesmo, em verdade, era um aficionado por livros, um bibliófilo e não um necrófilo da escrita, da qual este ensaio canta o canto do cisne. Os leitores do livro preocupados com a perspectiva de que eles podiam ser os últimos da história do gênero encontrarão consolação com as afirmações que Flusser fez no posfácio à segunda edição da sua obra, que saiu em 1992: “Não se trata, com a edição de um ensaio, de comprovar algo ou de se contrapor a isso [...]; ao contrário, trata-se de refletir, de maneira dialógica, sobre tudo” (2010, p. 177). Qualquer que seja, trinta e cinco anos depois da

Escrita de Flusser não há mais dúvida nenhuma demque as novas mídias, inclusive os livros digitais, não deixaram a mídia do livro como era antes.

Bibliografia

- Coulmas, Florian. *Writing Systems: An Introduction to their Linguistic Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- Fischer, Steven Roger. *A History of Writing*. London: Reaktion Books, 2001.
- Flusser, Vilém. O Amor ao Ler e ao Escrever. Em FLUSSER, V. *A História do Diabo*, São Paulo: Martins, 1965, p. 90–101.
- Flusser, Vilém. Falar e Escrever. *Jornal de Comercio* (Rio de Janeiro) 06/02/1966. – Também em: ITA Humanidades. *Revista do Departamento de Humanidades, Instituto Tecnológico de Aeronáutica, Centro Técnico de Aeronáutica* (São José dos Campos), vol. 3 (1967), p. 77–82. Online: <http://flusserbrasil.com/art407.pdf>.
- Flusser, Vilém. O Declínio e o Ocaso do Alfabeto. *O Estado de São Paulo, Suplemento Cultural*, no. 66 (22/01/1978), p. 4. Online: <http://flusserbrasil.com/art443.pdf>.
- Flusser, Vilém. Die kodifizierte Welt. *Merkur* (Stuttgart), no. 359 (abril, 1978). – Tradução de Raquel Abi-Sâmara. O mundo codificado. Em FLUSSER, V. *O Mundo Codificado: Por uma Filosofia do Design e da Comunicação*. Organização Rafael Cardoso. São Paulo: Cosacnaify, 2007, p. 126-137.
- Flusser, Vilém. *The Future of Writing*, manuscrito de 1983/84 (ver Flusser 1993). Online: <http://flusserbrasil.com/arte165.pdf>.
- Flusser, Vilém. Escrever em Universo de Imagens. *Arte em São Paulo*, no 28, Jan, 1985. Online: <http://flusserbrasil.com/artigos.html>.
- Flusser, Vilém. Vorschrift: Nachtrag zur Schrift. *Spuren: Zeitschrift für Kunst und Gesellschaft* (Hamburg), no. 11/12 (maio-agosto), 1985. Online: <http://flusserbrasil.com/artg442.pdf>
- Flusser, Vilém « Tes père et mère honoreras ». Y a-t-il un futur pour l'écriture? [“Honrares o vosso pai e a vossa mãe”. Há futuro para a escrita?] *Théâtre/Public* (Gennevilliers / Paris), no. 67, 1986, p. 79-81. Online: <https://www.cairn.info/revue-multitudes-2019-1-page-190.htm>.
- Flusser, Vilém. Is there a future to writing? Manuscrito s.d. (1986?). – Online: <http://flusserbrasil.com/arte74.pdf>.
- Flusser, Vilém. *Die Schrift. Hat Schreiben Zukunft?* 1. ed. Göttingen: Immatrix Publications, 1987. – Publicado alternativamente em forma digital em duas disquetes, formato 5¼ polegadas. – 2. ed. Frankfurt/Main: Fischer, 1992 como um posfácio de junho de 1989. – Português: *A Escrita: Há Futuro para a Escrita?* Tradução Murilo Jardelino da Costa. São Paulo: Annablume, 2010. – Inglês: *Does Writing Have a Future?*, trad. Nancy Ann Roth com uma apresentação de Mark Poster, “An Introduction to Vilém Flusser’s *Into the Universe of Technical Images and Does Writing Have a Future?*” Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 2011. (As referências são à paginação da edição de 2010.)
- Flusser, Vilém. Depois da escrita. Manuscrito, Seminário sobre “A Escrita”, Falkenstein, Hessen (20-21/11/1987). – Online: <http://flusserbrasil.com/art4.html>.
- Flusser, Vilém. *Die Schrift – Hat Schreiben Zukunft?* *Bildende Kunst* (Ostberlin), no. 11 (1989), p. 54-55. Online: <http://flusserbrasil.com/artg73.pdf>.
- Flusser, Vilém. Vom Rechnen: Warum eigentlich klappern die Schreibmaschinen? *Basler Zeitung*, no. 247, 20/10/1988, p. 51–54. Online como manuscrito “ultrapassado”: <http://flusserbrasil.com/artg412.pdf>. – Tradução de Raquel Abi-Sâmara. Por que as máquinas de escrever estalam? Em FLUSSER, V. *O Mundo Codificado: Por uma Filosofia do Design e da Comunicação*. Organização Rafael Cardoso. São Paulo: Cosacnaify, 2007, p. 80-85. (Ver também o manuscrito “Die Schreibmaschine”, online: <http://flusserbrasil.com/artg84.pdf>.)

- Flusser, Vilém. On Writing, Complexity and Technical Revolutions, Interview about Technical Revolution, by Miklós Peternák, Osnabrück, European Media Art Festival, September 1988. Online: <https://red-thread.org/en/about-technical-revolution/>
- Flusser, Vilém. Die Geste des Schreibens, = cap. 3 de FLUSSER, V. Gesten: Versuch einer Phänomenologie. Düsseldorf: Bollmann, 1991, p. 39-49. – Português: O Gesto de Escrever [=cap. 6] em FLUSSER, V. Gestos. Apresentação de Gustavo Bernardo. São Paulo: Annablume, 2014, p. 99-109. – Inglês também em: ROTH, N.A., 2012, p. 25-41.
- Flusser, Vilém. Bodenlos: eine philosophische Autobiographie. Bensheim: Bollmann, 1992. – Port.: Bodenlos: Uma autobiografia filosófica. São Paulo: Annablume, 2007.
- Flusser, Vilém. The Future of Writing. Yale Journal of Criticism, vol. 6, no. 2 (Fall 1993), p. 299-305. – Também em: FLUSSER, V. Writings, trad. Erik Eisel, org. Andreas Ströhl. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, p. 63-69. – Traduzido a partir do manuscrito datilografado de 1983-1984 por Raquel Abi-Sâmara. O Futuro da Escrita. Em FLUSSER, V. O Mundo Codificado: Por uma Filosofia do Design e da Comunicação, Rafael Cardoso, org. São Paulo: Cosacnaify, p. 138-159, 2007.
- Flusser, Vilém. Medienkultur, org. Stefan Bollmann. Frankfurt/Main: Fischer, 1997.
- Guldin, Rainer, Derrida e Flusser: O conceito da escrita e o fim da linearidade. Ghrebh- Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia, vol. 11 (2008), p. 14-25.
- Guldin, Rainer. Pensar entre Línguas: a Teoria da Tradução de Vilém Flusser. Tradução Murilo Jardelino da Costa e Clélia Barqueta. São Paulo: Annablume, 2010.
- Havelovk, Eric. Preface to Plato: A History of the Greek Mind. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1963.
- Krämer, Sybille. Vom Nutzen der Schriftbildlichkeit. Sprache und Literatur, vol. 42, no. 107 (2011), p. 1-5.
- Kreuzer, Johann. Unsagbare, das. Em Joachim Ritter, Karlfried Gründer, Gottfried Gabriel, orgs. Historisches Wörterbuch der Philosophie, vol. 11, col. 257. Basel: Schwabe, 2001.
- McLuhan, Marshall. The Gutenberg Galaxy: The Making of Typographic Man. Totonto: Totronto University Press, 1962. – Port.: A Galáxia de Gutenberg: A Formação do Homem Tipográfico, trad. L. Gontijo de Carvalho e A. Teixeira. São Paulo: Editora Nacional, 1972.
- Ong, Walter J. Orality and Literacy: The Technologizing of the Word. London: Methuen, 1982. – Port.: Oralidade e Cultura Escrita, trad. Enid Abreu Dobránsky. São Paulo: Papyrus, 1998.
- Rauh, Reinhold. Flusser, Vilém: Die Schrift [Resenha], medienwissenschaft: rezensionen, vol. 4, no.4 (1987), p. 480-481.
- Roth, Nancy A. A Note on “The Gesture of Writing” by Vilém Flusser and “The Gesture of Writing”, New Writing: International Journal for the Practice and Theory of Creative Writing, vol. 9, no. 1 (2012), p. 24-41.
- Sander, Klaus, comp. Flusser-Quellen Eine kommentierte Bibliografie Vilém Flussers von 1960–2002. Göttingen: European Photography, 2002. – Online: <http://s3.amazonaws.com/arena-attachments/1485097/d85714e287d539db39da46f0e5198b20.pdf?1512484296>.
- Zielinski, Siegfried; Weibel, Peter. Introdução: Flusseriana – uma Caixa de Ferramentas Intelectual. Em Zielinski, S.; Weibel, P.; Irrgang, D. (orgs.). Flusseriana: An Intellectual Toolbox, p. 21-27. Minneapolis, MN: Univocal, 2016.